

Gravação comprova suborno

ARQUIVO/AT

Gravação do Ministério Público mostra como Otoniel convenceu Jovenil a receber R\$ 1,5 mil para inocentar Pagotto

Trechos da gravação da conversa entre a testemunha do assassinato do advogado Marcelo Denadai, Jovenil Soares Nicácio, e o advogado Otoniel Amaral Matos, comprovam o esquema de suborno para inocentar o empresário Sebastião Pagotto, acusado de ser o mandante do assassinato, em 15 de abril de 2002.

Otoniel foi preso acusado de intermediar o plano de pagamento de propina para Jovenil inocentar o envolvimento do ex-policial militar e empresário Sebastião Pagotto.

No encontro, ocorrido no dia 27 de março deste ano na casa do advogado em Vila Velha, a testemunha levou uma microcâmera e gravou toda a conversa. Jovenil já está fora do Estado e foi incluído no Programa Especial de Proteção a Vítimas e Testemunhas. Jovenil diz na gravação que tem medo de ser morto, mas é tranquilizado pelo advogado:

“É aquele negócio, se você está ameaçado, ele é o primeiro para poder te segurar. Por quê? Porque lhe dá proteção. Por causa de quê? Porque se acontecer qualquer coisa vão dizer que foi ele quem matou ou ele que mandou”.

A conversa entre a testemunha e o advogado, gravada com autorização judicial, dura pou-

co mais de 20 minutos, mas ruídos na fita entregue à imprensa dificultam o entendimento de detalhes do diálogo. Ao final, fica acordado que o pagamento de R\$ 1,5 mil seria realizado no dia seguinte.

DINHEIRO

Imagens também gravadas pela testemunha, mostram o momento em que a mãe de Otoniel entrega o envelope com dinheiro a Jovenil e diz que o advogado não estava em casa. O dinheiro foi apreendido e as conversas e imagens foram analisadas pelo Ministério Público Estadual (MPE).

O empresário nega a denúncia de que teria comprado a testemunha para inocentá-lo e diz ainda que não conhece a testemunha.

“Como que eu vou tentar subornar uma testemunha que no meu processo não representa nada? Ele é uma pessoa que tem atestados de loucura, uma pessoa que não serve para isso. Ele não me conhece, eu não conheço ele. Eu nunca fiz nada para atrapalhar ele, pelo contrário, eu não tenho o que esconder”, disse o empresário que foi preso e, sua residência na Mata da Praia, em Vitória, na noite de quinta-feira. Na tarde de ontem, ele foi transferido para a Delegacia de Vila Velha.

ARQUIVO/AT



Denadai: morto em 2002



Pagotto está preso acusado de mandar matar Marcelo Denadai

“Chegamos ao fundo do poço”

“Para mim, essa prova só mostra o que todo mundo já sabia, que essas pessoas são culpadas pela morte do meu irmão, deveriam já estar sendo submetidas ao tribunal popular do júri.

Já devia ter havido o julgamento. Se essas pessoas já tivessem sido submetidas ao tribunal do júri, já estariam condenadas e não haveria tantas mortes envolvendo esse processo, nós já vimos cinco testemunhas sendo assassinadas e agora uma testemunha ser corrompida, eu acho que nós já chegamos ao fundo

do poço, não precisa acontecer mais nada.

Quero fazer um apelo aos desembargadores que estão com esse processo para que o façam com serenidade, até para preservar a vida de outras pessoas que correm risco de morte.

Hoje, para eu trabalhar, para eu viver, eu ando com segurança da Polícia Federal 24 horas. Nós estamos condenados a uma prisão.”

Depoimento da advogada Aparecida Denadai, irmã do advogado Marcelo Denadai.

TRECHOS DA CONVERSA

Advogado: (ruídos) “...É aquele negócio, se você está ameaçado, ele é o primeiro para poder te segurar. Por quê? Porque lhe dá proteção. Por causa de quê? Porque se acontecer qualquer coisa vão dizer que foi ele quem matou ou ele que mandou...”

Advogado: (ruídos) “...o que eu tô te falando eu não creio que seja (ruídos) esse fato, mas pode ser. Qual é o interesse dele em manter um valor para você durante uma porrada de tempo se ele poderia, se ele tivesse a intenção mesmo... (ruídos) ...ele ficaria só com a sua declaração, mandaria colocar, o que eu quero está aqui, ele botou no documento, tá aí, acabou, foda-se...” (ruídos)

Advogado: “Sinceramente, você vê que toda a vez que ele manda qualquer coisa na mesma hora eu ligo pra você, Jovenil, tá aqui, chegou aquele negócio lá...” (ruídos)

Testemunha: (ruídos) “...já falaram para Néia um monte de vezes, vão matar Jovenil e vão acusar meu irmão... (ruídos) ...avisa para os seus meninos que

vão te matar (ruídos) ...a situação está se repetindo... (ruídos) ...doutor, sei lá...” (ruídos)

Advogado: (ruídos) “...vou te falar um negócio, eu conheço muita gente... (ruídos) ... eu não creio, honestamente, que ele seria capaz de fazer um negócio desse. Eu creio que ele não pisou na bola com... (ruídos) ... eu diria a você, abre seus olhos...” (ruídos)

Testemunha: “Meu olho já está aberto há muito tempo...” (ruídos)

Advogado: “Eu falei pra o menino, o Caranguejo, veio aqui e eu falei com ele que eu tinha falado com ele. Porra bicho, você está ferrado e está caçando briga com gente minha, hein? E eu não vou poder segurar as ondas do cara, não, porque pô, o cara... (ruídos) ...e eu, não tenho que ficar de boabeira não...” (ruídos)

Testemunha: (ruídos) “...eu não quero ter mais problema na minha vida... (ruídos) ...eu senti que tinha uma garantia da vida, e agora eu tô vendo que tá complicado...” (ruídos)

SAIBA MAIS

MORTE DE DENADAI

O advogado Marcelo Denadai foi morto no dia 15 de abril de 2002, na Praia da Costa, em Vila Velha. Ele teria sido assassinado porque denunciou irregularidades na licitação feita pela Prefeitura de Vitória para a limpeza de galerias do município. A empresa de Sebastião Pagotto, Hidrobrasil, ganhou na época a licitação.

ACUSADOS

- Sebastião Pagotto: acusado de ser o mandante.
- Dalberto Antunes da Cunha: acusado de ser executor.
- Fabrizia Moraes Gomes da Cunha, mulher de Dalberto: acusada de transportar os executores.
- Paulo Jorge dos Santos Teixeira, o PJ: acusado de ser executor. Ele foi assassinado no dia 15 de dezembro de 2003 quando estava no Cais do Hidroavião, em Santo Antônio, em Vitória.

Fonte: Arquivo A Tribuna.

Jornalista condenado a 19 anos

SÃO PAULO - O jornalista Antonio Pimenta Neves, 69 anos, foi condenado a 19 anos, 2 meses e 12 dias de prisão pelo assassinato da ex-namorada, a também jornalista Sandra Gomide, ocorrido há quase seis anos. A sentença foi anunciada na tarde de ontem, pelo juiz Diego Ferreira Mendes, do fórum de Ibiúna.

O júri decidiu condenar Pimenta Neves por homicídio duplamente qualificado, motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima.

Os jurados também decidiram, por unanimidade, que ele deve recorrer em liberdade. O julgamento durou três dias.

O crime ocorreu no dia 20 de agosto de 2000, em um haras. Sandra Gomide, à época com 32 anos, foi atingida por dois tiros: um nas costas e outro no ouvido.

A defesa do jornalista afirma que ele agiu sob forte emoção. Ex-diretor de Redação do jornal “O Estado de S. Paulo”, o jornalista ficou sete meses preso.

Erramos

Está errada a informação publicada na página 17 da edição de ontem, com o título “Veículo de Coser ainda sumido”. O Gol usado pela equipe do prefeito de Vitória, e que foi roubado no dia 17 do mês passado, já foi recuperado.

Devassa em empresa

Policiais do Departamento de Inteligência da Polícia Militar (Dint) realizaram uma devassa na empresa Hidrobrasil, de propriedade do empresário e ex-policial Sebastião Pagotto, na noite da última quinta-feira. De posse de um mandado de busca e apreensão expedido pela 1ª Vara Criminal de Vila Velha, os policiais apreenderam 221 arquivos com documentos, nove computadores, 194 pastas de arquivos, 16 livros diários e R\$ 5,18 mil em cheques.

Tudo que foi apreendido foi levado para o Núcleo de Repressão a Organizações Criminosas (Nuroc) e será analisado pela delegada Fabiana Maioral. Os conteúdos dos documentos apreendidos não foram revelados.

A operação teve início com a prisão do empresário e do advogado Otoniel Amaral Matos, ocorridas também na noite de quinta-feira. Pagotto foi transferido no final da tarde de ontem, sem algemas, para a carceragem da Delegacia de Vila Velha, no centro do município.

O pedido foi feito à Justiça pelo delegado de defesa do acusado, Homero Mafrá. Ele também vai solicitar ao juiz da 1ª Vara Cri-

minal de Vila Velha, Flávio Moulin, na segunda-feira, a revogação da prisão preventiva do seu cliente.

“A defesa entende que não houve nenhum crime por parte do Pagotto porque a testemunha Jovenil Soares Nicácio já teria prestado depoimento à Justiça. Pagotto não teria interesse em dar propina a essa testemunha, já que o depoimento dela não tem valor porque há um laudo psiquiátrico atestando que ela é insana”, argumentou o advogado.

Homero Mafrá disse também que o advogado Otoniel Amaral Matos, que também foi preso na quinta-feira suspeito de intermediar a ação da suposta propina à testemunha, não defende Pagotto.

“O Otoniel nunca foi advogado do meu cliente. Eles não têm amizade e nenhum tipo de relacionamento. O Jovenil que era cliente do Otoniel”, esclareceu Mafrá.

O presidente da seccional capixaba da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-ES), Agesandro da Costa Pereira, disse que já designou uma comissão para analisar o processo que resultou na prisão do advogado Otoniel.